

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM HISTÓRIA

O POVOAMENTO NORTE-RIO-GRANDENSE NA SEGUNDA

METADE DO SÉCULO XVII E SÉCULO XVIII

MARIA DAS GRAÇAS DE ARAUJO

NATAL, 13 DE JANEIRO DE 1997.

MARIA DAS GRAÇAS DE ARAÚJO

O POVOAMENTO NORTE-RIO-GRANDENSE NA SEGUNDA METADE DO  
SÉCULO XVII E SÉCULO XVIII

Monografia apresentada à disciplina  
Prática de Pesquisa Histórica II, do  
Curso de Licenciatura e Bacharelado  
em História, da UFRN, sob a orienta  
ção do professor Wickleffe de Andra  
de Costa.

NATAL, 13 DE JANEIRO DE 1997

“ Mais ou menos favorecidos que sejam, a vida, os nossos esforços, é preciso que, ao aproximar-se o grande fim, cada um de nós possa dizer: fiz o que pude “.

( Pasteur )

## AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão a minha irmã Antonia Maria da Cunha, pelo incentivo, apoio e estímulo, sem os quais, todo o curso teria sido bem mais difícil.

Agradeço também ao professor Wickleffe, pela orientação e acompanhamento no trabalho de pesquisa e conclusão desta monografia.

Aproveito ainda para agradecer ao meu marido e minhas filhas, por toda compreensão e ajuda no transcorrer do curso.

Aos amigos, que de alguma forma ajudaram para que todo o esforço não fosse em vão.

Acima de tudo, agradeço à Deus, sempre presente em todas as horas e momentos da minha caminhada.

## SUMÁRIO

RESUMO

~~Páginas~~

### 1-INTRODUÇÃO

07

### 2- Cap.I- .ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS QUE PROPICIARAM O POVOAMENTO NORTE-RIO-GRANDENSE.

1.1-O processo de povoamento do Rio Grande do Norte pelo europeu 09

1.2-A guerra dos bárbaros e suas consequências no processo de povoamento 14

1.3-A contenção dos índios 15

### 3- Cap.II- O MOVIMENTO DE FIXAÇÃO

2.1-Ocupação territorial 24

2.2-O processo de fixação 28

### 4-Cap. III- MISCIGENAÇÃO

3.1-Os elementos étnicos presentes na formação do povo Norte-Rio-Grandense 35

3.2-O cruzamento das raças presentes na época do povoamento 38

**5-CONCLUSÃO**

42

**6-FONTE BIBLIOGRÁFICA**

44

## RESUMO

Durante os primeiros 30 anos de colonização da Capitania do Rio Grande houve um retardamento no processo de desenvolvimento. O povoamento aconteceu em condições específicas locais. As doações de sesmarias, no início, foram feitas sem critérios, até que o governo geral adotou medidas para conter o exagero com relação a extensão das terras doadas. Vieram homens de todos os lugares, desde soldados veteranos até bandeirantes afoitos. Os indígenas eram empurrados pelos criadores de gado à medida que os currais avançavam. O povoamento no interior se deu por conta do desenvolvimento da pecuária que foi associada à cultura da cana no litoral. Os imigrantes de várias procedências foram atraídos pelas excelentes pastagens existentes no sertão, passando a fazer parte da capitania. O período da guerra dos Cariris retardou a fixação do colono no interior da capitania, com a destruição dos rebanhos e dos currais de gado. O elemento étnico contribuiu para a formação do povo norte-rio-grandense. Quanto ao cruzamento entre as três raças, que entraram na nossa formação histórica, o contingente de menor expressão foi o indígena, sobressaindo-se nessa mistura, os negros e os mulatos.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho a cerca do povoamento Norte-Rio-Grandense, na seguna metade do século XVII e século XVIII, teve por finalidade a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao final do curso de Licenciatura e Bacharelado em História da UFRN. O objetivo principal do trabalho foi compreender como se deu o povoamento no Rio Grande do Norte, a partir da expulsão dos franceses até o final do século XVIII.

A escolha do tema se deu em função da curiosidade que se instalou na autora em entender de um modo mais aprofundado, a questão do povoamento no Rio Grande do Norte.

Para os historiadores consultados, o processo de povoamento sogreu alguns retrocessos tanto pela chegada dos holandeses, cujo único objeto era explorar as riquezas naturais do Rio Grande, quanto pela revolta dos índios, que não aceitavam a presença dos dos forasteiros. Porém, a partir da administração dos capitães mores, foram feitas distribuições de sesmarias, propiciando desse modo a ocupação de terras devolutas. Outro fato importante, para que a capitania viesse a povoar-se, seria conter os indíos ao mesmo tempo que se deveria expulsar os holandeses, seus fortes aliados na devastação aos feitos dos colonos.



O século XVIII, foi o século do povoamento propriamente dito. Após as guerras dos índios e dos holandeses surgiram os povoados. De início eram aglomerados de indígenas, depois foi a vez dos portugueses que, se misturando aos mestiços, foram povoando todo o território potiguar. Os aglomerados ou aldeias passaram à condição de vilas e a economia de substância que as sustentavam tinham por base o trabalho da pecuária e da agricultura.

Para a formação das primeiras fazendas, vieram fazendeiros de Recife e Olinda, e se fixaram nas ribeiras do Piranhas (PB), Açu (RN), Apodí (RN), Mossoró (RN) e Jaguaribe (CE), além do planalto da Borborema. Foi no momento da formação dessas fazendas que se deu o conflito dos índios, que tiveram suas terras tomadas. Esses, reagiram e mataram a gadaria. Houve um massacre aos índios que não tiveram outra saída senão a de recuar.

Graças a Bernardo Vieira de Melo foi possível a pacificação dos índios, podendo a partir deste ponto se notar o progresso do povoamento, aumentando o núcleo de Vilas, passo inicial para a futura criação de cidades.

## I- ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS QUE PROPICIARAM O POVOAMENTO NORTE-RIO-GRANDENSE

### 1.1 - O processo de povoamento do Rio Grande do Norte Pelo Europeu

Com a conquista da Paraíba pelos franceses, o Rio Grande do Norte, passou a ser o núcleo cobiçado pelos mesmos, o que deu lugar a negociações com os índios potiguares, acarretando grandes prejuízos aos portugueses que disputavam com aqueles, o tráfico do pau brasil.(1) A situação era favorável aos franceses pelo fato de se mostrarem mais amigos dos índios, uma vez que eles não pretendiam impor costumes nem disciplinar os potiguares, como queriam os portugueses. Estes sim, pretendiam ao contrário dos franceses e além da exploração das nossas riquezas naturais; tinham também, o objetivo de ficar e dominar a terra criando um ambiente à sua imagem e semelhança. Queriam construir fortes, fundar cidades, estabelecer leis e costumes.

Por volta de 1597, no governo de D. Francisco de Souza, sétimo governador geral do Brasil, aconteceu a expulsão dos franceses da capitania do Rio Grande e a construção do Forte dos Reis Magos, marcando o avanço português no Norte. (2) Data dessa época o início da colonização na capitania do Rio Grande por força de duas cartas régias assinadas por D. Felipe III, rei da Espanha, que ordenava aos capitães-mores de Pernambuco e da Paraíba a conquista e colonização daquelas

terras.(3) Passou, então, D. Francisco de Souza a contar com a assistência de Mascarenhas Homem e Feliciano Coelho, o que o levou a ratificar as pazes com os índios, iniciadas por Jerônimo de Albuquerque em 1599.(4)

A partir da construção do Forte dos Reis Magos e da pacificação indígena, fundou-se a cidade do Natal, registrando daí em diante um povoamento muito lento.(5) Conforme Cascudo, “os indígenas que rodeavam o pequeno núcleo do Forte dos Reis Magos...eram , pessimistamente, seis mil almas”. Por essa razão foram fugindo para o interior e para os lados do Ceará diante da ameaça de escravidão. Enquanto isso, o elemento branco chegava, de modo lento. Foi quando iniciou-se, ainda no comando de Mascarenhas Homem, a distribuição de terras para assentamento dos colonos. (6) No governo de Jerônimo de Albuquerque aconteceram as grandes doações de sesmarias sem que os resultados fossem satisfatórios. Daí, El-Rei mandou distribuir as terras do Rio Grande a quem as quisesse povoar e cultivar.(7)

Durante os primeiros 30 anos de colonização houve um retardamento no processo de desenvolvimento em virtude de a terra ser considerada fraca para roçados e canaviais. A situação estava mais para a criação de gado. A organização de núcleos atraiu as famílias de colonos que montaram engenhos e fazendas de criação, sendo que essas famílias foram em sua maioria indígenas.(8)

Em 1600 foi feita a primeira doação a favor de João Rodrigues Colaço. (9) As sesmarias a ele concedidas alcançaram o rio curimataú, ao sul e mais ou menos 18 km além do Forte para o norte. Em direção ao interior, corriam margeando os rios Potengi e jundiá. Era natural que os colonos preferissem a região litorânea e a região sul por serem essas regiões conhecidas e já exploradas pelos portugueses.(10)

Em 1633 os holandeses, que já haviam invadido Pernambuco, chegaram ao Rio Grande e o dominaram por 21 anos.(11) Durante esse tempo tornaram-se aliados dos selvagens, insuflando-os ao massacre e à destruição com o intuito de avançarem sertão a dentro e tomarem conta das terras já ocupadas.(12) Destruíram os dois primeiros núcleos de povoação existentes: o de Ferreiro Torto e o de Cunhaú. Os que conseguiram escapar do massacre, refugiaram-se no Arraial de Bom Jesus, onde estavam Mascarenhas Homem e seus cabos de guerra. A terra norte-rio-grandense ficou quase inteiramente deserta de moradores que não fossem holandeses nem índios.(13) Ao serem expulsos em 1654, os holandeses deixaram Natal arruinada e a Capitania desestruturada.

Com a finalidade de oportunizar o reinício do povoamento, foi publicado nas capitanias de Pernambuco e da Paraíba, aviso às pessoas que tivessem terras na capitania do Rio Grande, que viessem retomar a posse num prazo de 6 meses. Caso não viessem, as terras seriam consideradas devolutas e concedidas a outras pessoas.(14)

A capitania do Rio Grande foi governada daí em diante e até o final do século XVIII por onze capitães-mores. O primeiro deles foi Antônio Vaz Gondim, que conforme os livros de registros das Cartas e Provisões de Senado da Câmara de Natal, governou de 1656 a 1663. Para Vicente de Lemos a capitania começou a povoar-se nesse governo.(15)

O Rio Grande do Norte era um vasto campo de devastação e ruínas. Contudo, havia um regimento a ser cumprido pelos governantes, no qual um dos artigos proibia expressamente que o capitão-mor fizesse concessão de sesmarias.(16) Porém tanto Vaz Gondim quanto seu sucessor Valentim Tavares Cabral conseguiram fazer algumas doações baseados na carta do governador geral, de 16 de março de 1660 que dizia:

“As terras devolutas que não tiverem dono pode V.Mercê dá-los a quem as pedir, procedendo porém, informações ao provedor da fazenda da capitania, advertindo quem há de V.Mecê declarar nas suas provisões <sup>de</sup> não prejudicando a terceiros<sup>o</sup>, porque a todo tempo que os primeiros possuidores e seus herdeiros os procurarem, poderão entrar nelas sem impedimento, porque nós não podemos dar a fazenda alheia”. (Livro I das Cartas e Provisões do Senado da Câmara de Natal).  
(17)

O movimento colonizador foi mais intenso no governo de Antônio de Barros Rêgo, que sucedeu Tavares Cabral. Os colonos situavam-se numa estrita

faixa de terra do litoral de Natal para o sul por serem estas as melhores terras para a lavoura.(18) Entretanto um grande número de colonos preferiu entrar pelo interior para cuidar da criação de gado, que era uma atividade compensadora. Houve um desenvolvimento da atividade pastoril, que aliada à necessidade de combater os índios, contribuíram para o processo de povoamento dos sertões.(19)

Em 1680 no governo provisório de Geraldo Suny, capitão mor interino que sucedeu a Francisco Pereira Guimarães, que governou de 21 de maio de 1677 a 02 de dezembro de 1678, houve uma representação do senado da câmara junto ao governo geral, para que fossem liberadas as praias, a pesca e o uso das salinas de onde os colonos deveriam tirar o sustento.(19)

Na administração de Manuel Muniz, empossado em 25 de maio de 1682, os colonos eram poucos, espalhados pelos sertões, morando uns longe dos outros, sujeitos às rebeldias dos índios.(20) No governo de Pascoal Gonçalves de Carvalho, sucessor de Muniz, houve a sublevação geral dos índios, acontecimento mais importante dos últimos anos no século XVIII. Esse fato, aliado ao desenvolvimento da atividade pastoril, como já foi dito, foi o que ocasionou em definitivo o povoamento dos sertões (21)

## 1.2. - A guerra dos bárbaros e suas conseqüências no processo de povoamento

Por volta de 1685, os índios janduís já demonstravam certa hostilidade, mas foi em 1687 que a guerra foi declarada. Os índios matavam o gado, os vaqueiros e os plantadores de sertão.(22) Na Guerra dos Bárbaros, as tribos combateram aliados ou isolados. Essa rebelião durou de 1687 a 1697 e de modo mais brando até 1700. Vieram homens de São Paulo e do São Francisco, desde soldados veteranos a bandeirantes afoitos. (23)

Na capitania do Rio Grande, em 1687, sentiu-se a ira daqueles que designado a Paraíba irromperam nesta capitania, numa terrível devastação. Os índios chegaram a Ceará-Mirim e aos arredores de Natal praticando depredações, incêndios e mortes. O capitão-mor Pascoal Gonçalves de Carvalho, usou de sua autoridade para assegurar a guarnição que era em número insuficiente. Como os colonos ameaçavam fugir, o capitão resolveu que quem assim o fizesse seria capturado e preso na Fortaleza em um quarto escuro e ainda perdia a fazenda. (24).Através do rio Açu houve um entendimento entre os índios, as capitanis de Pernambuco e outras, incluindo a venda de armas de fogo aos mesmos. (25)

A guerra dos índios prolongou-se em sangue e fogo, anos e anos, estimulada que foi por instruções e memórias vagas, inoperantes, às vezes aparecendo quando ninguém mais esperava. (26)

O Senado da Câmara de Natal informou em carta de 28 de janeiro de 1688, ao Governador Geral, que a capitania estava em perigo de ser abandonada e entregue aos indígenas.(27) O grande auxílio foi a chegada de Domingos Jorge Velho, desbravador do sertão, famoso por pegar índios.(28).O capitão-mor recrutou os criminosos para combater os índios e em contrapartida os perdoava dos crimes. O próprio capitão, resolveu bater os selvagens nos arredores de Guagiru. Na serra da Acauã derrotou um exército e faz mil prisioneiros.(29)

Em 1693, Agostinho César de Andrade é nomeado interino para a capitania. Os paulistas tinham ido embora, Domingos Jorge Velho para o Quilombo dos Palmares em Alagoas, e Matias Cardoso de Almeida para o São Francisco. Porém em 1696, para atender a vontade do Rei, o capitão interino doou terras que já haviam sido doadas mas que não tivessem passado por nenhuma benfeitoria.(30)

Na região do Açu, Bernardo Vieira fundou o Arraial de Nossa Senhora dos Prazeres, espalhou contingentes militares na região e conseguiu pacificar os índios.(31) Os criminosos que quisessem morar na ribeira do Açu seriam perdoados pelo governador geral.(32) Em 23 de setembro de 1700, Bernardo Vieira de Melo conseguiu o alvará, dando uma légua quadrada de terra a cada missão indígena, terminando a Guerra dos Bárbaros.(33).

### **1.3. - A Contenção dos Índios**



Foi no governo de Pascoal Gonçalves de Carvalho que se agravaram as dificuldades da capitania, com a rebelião dos indígenas. Agostinho César de Andrade, que sucedeu Pascoal Gonçalves, teve por objetivo a luta para pacificar os índios.

Em seguida, foi a vez de Sebastião Pimentel, que governou pouco mais de um ano.(34) Assumiram os oficiais do Senado da Câmara que escreveram uma carta em 20 de julho de 1694, com o seguinte teor: <sup>6</sup>Senhor: Damos conta de que foi Deus... Na carta, os oficiais dão conta do estado de miséria em que se achava a capitania com a guerra, movida pelo gentio bárbaro, contra os moradores há mais de sete anos, sem mais casa, fazendo notáveis destruições nas fazendas e vilas. Falavam os oficiais dos poucos socorros que receberam e isso mesmo tardiamente.(35).

Na sua segunda administração, Agostinho César deu continuidade ao zelo pela segurança da capitania, ainda ameaçada pelos índios. Mas foi Bernardo Vieira de Melo, nomeado em 8 de janeiro de 1695, quem conseguiu reduzir o gentio a uma paz mundial por volta de 1701.(36).A pacificação indígena era indispensável. Os missionários jesuitas tinham por missão trabalhar em favor da paz, usando de paciência e tenacidade.(37)

Dois fatos constituem a história da capitania do Rio Grande: O início do povoamento e a revolta dos índios.(38) Quanto ao primeiro fato, já foi discutido na

primeira parte deste trabalho. Tratando-se do segundo, vejamos o que dizem os historiadores.

O governador dos índios, Antônio Paraupaba chegou a fazer alguns apelos às autoridades holandesas no sentido de receber ajuda a “subsistência da infeliz nação de índios e para a conservação da Igreja Cristã Reformada, a única verdadeira”( Carta de Antônio Paraupaba - Havia, 6 de agosto de 1654). Em 1656, Paraupaba renova os pedidos e novamente não são atendidos.(39).

Interessava aos holandeses estimularem a luta, pois havia casamentos destes com portugueses e também com índios, o que lhes dava o direito de tomar para sí, bens herdados pelas viúvas tanto de um lado quanto do outro. Os bens que não ficassem para as viúvas, pertenceriam à capitania e quem as quisesse adquirir os compraria.

O cruzamento entre holandeses e índios deu como resultado homens louros, fortes e de olhos azuis; no sertão era comum encontrar criancinhas louras, olhos cor de safira. A revolta geral dos índios, teve como causa a injúria entre vizinhos e colonos, nativo para guerrear. Essa revolta constituiu de um levante no qual os índios em massa, assaltaram os moradores, destruíram as plantações, assaltaram as casa e em 1687 estavam senhores do Açu.(40) Do Açu, os índios desceram para os vales do Ceará-Mirim, Potengi e seus afluentes. Quando se deu a grande

sublevação, os potiguares estavam nas várzeas próximas do litoral e as outras tribos estavam nas terras do Apodi, Upanema, Espinhares, Seridó, alto e baixo Piranhas.

Os tapuias aderiram a rebelião. Estiveram em evidência: os janduis, os caracarás, os areis, os paiacus e os canindés. Irineu Jofilly fala dos caicós, na fronteira da Paraíba, de onde supõe-se tenha saído o nome da cidade de Caicó.

O Senado da Câmara de Natal fez pedido de ajuda, primeiro ao capitão-general de Pernambuco ~~onde~~ descreve a revolta dizendo, “que já tem morto perto de cem pessoas, escalando os moradores, destruindo os gados”. E como a fortaleza achava-se sem guarnição e sem recursos, o Senado conclui a carta rogando auxílio para o povo que se achava abatido. Em vistas da demora dos recursos solicitados, o Senado apelou para a Bahia que prontamente atendeu.(48)

Por ocasião dos assaltos aos colonos de Ceará-Mirim, à cinco léguas da capital, foram construídas diversas casas fortes Tamatanduba, Cunhaú, Goianinha, Mopibú, Guáiras, Potengi, Utinga, aldeia de São Miguel. (42) Esses pontos onde foram construídas as casas eram os mais povoados da capitania, sendo que Utinga e São Miguel (Extremos) ficavam a poucos quilômetros da fortaleza, portanto a própria capital estava ameaçada.

Os moradores da Capitania procuravam ir embora, mais iam sendo contidos pelas proibições expressas do capitão-mor, através de um edital que prometia prisão em quarto escuro da fortaleza aos que assim procedessem. Além da prisão, os

considerados traidores perdiam suas fazendas para as despesas de guerra e para os que os denunciassem. Em 18 de maio de 1688, vem o reforço de Pernambuco, cinco companhias, o terço de Henrique Dias, comandado pelo mestre-de-campo, Jorge Luís Soares e mais o reforço de índios e africanos, indo todos para Açu. (43) O governador geral convidou os foragidos degredados e criminosos, tanto da capitania quanto de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, e Rio São Francisco e ainda de Sergipe, à se incorporarem às forças do coronel Antônio de Albuquerque, no Açu. Em troca perdoava-lhes os crimes, exceto os que eram contra a lei.

A perseguição aos índios revoltados continuou. Em julho de 1689, foi feito um comunicado a Lisboa, sobre os desgastes que o levante do gentio causou à capitania. No comunicado fala-se do poder dos indígenas fazendo mais de duzentos mortos, trinta mil cabeças de gado, mais de mil cavalgadas e mais as ruínas dos mantimentos e lavouras. Em seguida ao relato, pede socorro para que ordene ao mestre-de-campo dos paulistas, ao governador dos índios de Pernambuco e ao governador dos pretos de Henrique Dias, que dêem assistência à capitania e permaneçam nela até destruir todo o gentio. (44)

Os esforços feitos pelo capitão-mor Agostinho César, foram incontestáveis, mas não obtiveram sucesso. (45) Já se passavam oito anos de luta. A pobreza era grande, pois os poucos colonos que restavam, não tinham segurança para cuidar de suas lavouras e criações, por medo dos ataques dos índios. As forças que chegavam em socorro, logo se acabavam os mantimentos trazidos, tratavam de ir embora,

muitas vezes sem nem pedir licença; outros foragiam-se, levando os mantimentos dados com sacrificio pelo moradores arruinados. O pensamento em geral era matar ou escravizar os indígenas. (46)

**NOTAS**

1- Luís da Câmara Cascudo História do Rio Grande do Norte.p.21

2-Id. ibid. p. 22

3 - Fátima Martins Lopes. As missões religiosas no processo de aculturação do indígena da capitania do Rio Grande.p.28

4- Vicente de Lemos. Capitães-mores e Governadores do Rio Grande do Norte. p. 5

5- C.Cascudo. op.cit. p. 28

6- Fátima Martins. op. cit. p. 30

7- Vicente de Lemos. op.cit. p. 6

8- Marlene da Silva Mariz.Rio Grande do Norte Colonial. 1598/1633. p.21

9- Fátima Martins. op.cit. p.30

10-Id. ibid. p.31

11-Id. ibid p. 32

12-Rocha Pombo. História do Estado do Rio Grande do Norte p. 105

13-Id. ibid. p. 106

14-Fátima Martins. op.cit. p. 33

15-Tavares de Lira.História do Rio Grande do Norte. p. 96

16-Id. ibid. p. 97

17- Id. ibid. p. 98

18- Id. ibid. p. 99

19-Id. ibid. p. 100

20- Id ibid. p. 101

21- Id. ibid. p. 102

22-C. Cascudo. op.cit. p. 96

23-Pedro Moura. Fatos da História do Rio Grande. p. 141

24-C. Cascudo. op. cit. p. 96

25-Id. ibid. p. 97

26-Id. ibid. p. 98

27-Id. ibid. 99

28-Pedro Moura. op. cit. p. 143

29-C. Cascudo op.cit. p. 99

30-Pedro Moura. op. cit. p. 144

31-Tavares de Lira. op.cit. p. 102

32-Id. ibid. p. 103

33-Id.ibid.p.104

34- C.Cascudo op.cit. p. 26

35-Tavares de Lira. op.cit. p 104

36-Id.ibid. p. 106

37-Id.ibid. p. 107

38-Id.ibid. p. 109

39 Id .ibid. p.110

40-Id .ibid. p.111

41-Id.ibid. p. 112

42-Id.ibid. p. 116

43- Id. ibid. p. 117



## II - O MOVIMENTO DE FIXAÇÃO

### 2.1.- Ocupação territorial

O século XVIII foi o do povoamento completo da capitania. Por volta de 1800, já contava os municípios de Natal, São José de Mipibú, Arês, Vila-Flôr, Extremoz, Vila do Príncipe, Vila Nova da Princesa e Vila do Regente, compreendendo outras tantas freguesias de que eram sedes, e mais as freguesias do Apodi, Goianinha e Pau-dos-Ferros, que ainda não eram vilas. A população atingia serras e pontos remotos, mas condensava-se no litoral e nas ribeiras do rios.

De acordo com Tavares de Lira, a conquista do território se deu graças a dois fatores: ao alargamento da criação e ao extermínio dos índios. Quanto ao primeiro fato, diz o historiador, que a capitania tornou-se uma região pastoril e essa época foi chamada de época do couro. Os primeiros povoadores do sertão tiveram vida apertada. não eram os donos das sesmarias, mais escravos ou prepostos. (1)

Segundo Tarcísio Medeiros, o capitão-mor Manoel Muniz dizia: os sesmeiros ou seus prepostos residentes no interior sem dinheiro para comprarem negros da Guiné ou da Angola (2), recorriam à captura dos indígenas, obrigando-os a trabalharem na agricultura. Essa tarefa nas tabas indígenas eram próprias das mulheres. Os homens erram os guerreiros. Esse fato gerou revolta nos índios, dando

lugar a uma guerra sangrenta, na qual houve grande extermínio, atrasando o desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

De acordo com Aires de Casal, a província dividia-se, naquela época, em duas partes, uma oriental: Natal, Arês, Extremoz, São José, Vila Flor, e a outra ocidental: Vila Nova da Princesa, Portalegre, Vila Nova do Príncipe. (3) Com relação à fixação geográfica, El-Rei tomou em 1701, providências no sentido de oportunizar aos moradores da ribeira do Açu a situação de suas fazendas. Para tanto, a terra devia ser demarcada e medida. (4) Ao adquirir a terra para uma fazenda, a primeira providência do sesmeiro era acostumar o gado ao novo pasto. Isso exigia tempo e bastante gente.

Depois tudo era entregue ao vaqueiro. (5) Depois de quatro ou cinco anos de serviço começava o vaqueiro a ter sua recompensa: de cada quatro crias cabia-lhe uma. Assim ele podia, com o tempo, formar sua própria fazenda. Por essa razão as sesmarias eram limitadas ao máximo de três léguas separadas por uma devoluta.(6)

Após algum tempo e terminadas as guerras holandesas e dos bárbaros, surgiram no interior do Rio Grande do Norte aglomerados Potiguares e Cariris. Os potiguares que falavam o tupi também estiveram no litoral tomando conta de toda a costa dos limites da Paraíba até o Ceará na direção Sul-Norte. A principal taba era Igapó, cujo chefe foi Camarão.

Haviam outras tribos como os paiaguás no município de Baia Formosa, Vila Flor, Canguaretama, Montanhas, Pedro Velho, Várzea, Espírito Santo. Os Janduis, no município de Goianinha, Tibau de Sul, Passagem, Brejinho, Lagoa Salgada, Vera Cruz e Bom Jesus. Os Guaraíras misturados com os Jundiás habitavam Arês, Nízia Floresta, São José de Mipibu, Macaíba, Parnamirim, Januário Cico e Eloy de Souza.

Pelo interior da capitania do Rio Grande espalhavam-se outras tribos como: Cariris, Panatis, Icós, Pebas e Caicós. (7) A procedência dessas tribos era a Paraíba. Mas também vieram do ceará e se instalaram na chapada do Apodi. Vieram do Ceará: os Pajeus, os Pegas, Moxorós, Canindés e os Caborés. A zona serrana foi ocupada pelos Pacajus.(8)

Os imigrantes de várias procedências eram atraídos pelas excelentes pastagens existentes no sertão, passando a fazer parte da formação da capitania. O Seridó recebeu, muita gente vinda de Pernambuco, da Paraíba e da Bahia.(9)

Com relação à participação do elemento negro no início do povoamento, embora tenha ingressado ativamente na história do Rio Grande do Norte, no século XVIII, foi o índio que, da mistura com o branco, melhor se adaptou à vida arriscada do sertão e às suas fadigas.(10) O negro contudo, foi aproveitado na exploração da cana de açúcar, enquanto o índio, foi mais aproveitado na atividade pastoril.

o  
NÃO há razão para  
uso de MAIÚSCULAS.

A população espalhava-se por toda a parte, até os pontos mais distantes, procurando os vales férteis do litoral e as ribeiras dos rios no sertão. Isso por causa da expansão da criação e por causa do extermínio dos índios.(11)

Ainda com relação a ocupação territorial, em 1733, os Rocha Pita já estavam na ribeira do Apodi, sítio dos Albuquerque, Pau dos Ferros, São Miguel, etc. Em 20 de abril de 1735, Luís Pereira de Souza recebeu terras ao redor dos sertões ao par do Cabugi. Aleixo Teixeira, capitão-mor da aldeia de São João do Apodi, dos Tapuias, Paiacus, registrou a 21 de julho de 1736 terras na serra do Campo Grande. Foi dado o sítio Caicó no riacho do seridó, ao Capitão Inácio Gomes da Câmara, em 7 de setembro de 1736. E assim, várias outras terras foram doadas.(12)

A Companhia de Jesus, que muito ajudou nos aldeamentos, foi abolida em Portugal e seus domínios pela carta régia de 3 de setembro de 1759. Em 1758 El-Rei ordenara a liberdade de pessoas, bens e comércio dos índios, elevou as aldeias à condição de vilas, acabando com a administração dos jesuítas. (13) Os jesuítas, em seu trabalho, deixaram quilômetros de lavouras o que deixou a população farta e tranqüila.

Com a transformação das aldeias em vilas, a 23 de maio de 1760 a aldeia de São Miguel de Guagiru passou a ser Vila Nova de Extremoz do Norte, a primeira vila do Rio Grande do Norte. Em seguida vieram tantas outras.(14)

## 2.2. - O processo de fixação

O Rio Grande do Norte foi colonizado em 1614, a partir do litoral do Sul para o Norte. A população possuía extensão de terra sem um único sinal de posse. As salinas de Macau tinham donos, porém continuavam inexploradas.

A conquista holandesa restringiu a expansão geográfica. O holandês ignorou o sertão. Foi na administração de Antônio Vaz Gondim que iniciou-se a medrosa penetração no sertão, com pequenas boiadas e roçarias.(1)

O período da guerra dos Cariris retarda a fixação do colono no interior da capitania com a distribuição dos rebanhos e dos currais de gado, única forma de organizar a vida e a sociedade.(2) A pecuária chegou por volta século XVII e XVIII e até mesmo o século XIX trouxe a pecuária,(3) esta, foi associada à cultura da cana no litoral, mas para que pudesse se reproduzir extensivamente, precisava de grandes extensões de terra, o que era incompatível com a cultura de cana. Daí os criadores partiram para o interior rumo aos sertões, que na época eram habitados por índios não-tupi.(4)

Todo o povoamento do sertão nordestino está ligado diretamente à formação e expansão do ciclo do gado e do algodão. O que determinou a expansão da cultura canavieira da Zona da Mata foi a demanda do açúcar no mercado internacional, durante o século XVI e XVII, e, parcialmente, no agreste nordestino.

Os constantes conflitos entre os plantadores de cana e criadores de gado, forçaram o governo colonial a estabelecer uma divisão do trabalho: a Zona da Mata para o plantio da cana-de-açúcar e o sertão para os criadores. Uma Carta-Régia de 1701 proibiu a criação de gado a menos de 10 léguas da costa. Com isso a pecuária sertaneja se desenvolveu, pelo menos no seu início, como uma economia de subsistência e complementar à economia açucareira.(5)

O ciclo do gado, que possibilitou economicamente o povoamento do sertão nordestino, prolongou-se a partir da segunda metade do século XIX, desenvolvendo-se neste período, a civilização do couro.(6)

Vindos de Recife e Olinda os fazendeiros chegaram às ribeiras do Piranhas (PB), Açu (RN), Apodi (RN), Mossoró (RN) e Jaguaribe (CE), além do planalto da Borborema. A pecuária ocupou também, a partir do século XVI, a costa da capitania do Rio Grande e da Paraíba. Um considerável contingente de mão-de-obra foi canalizado para o sertão, uma vez que no litoral a economia açucareira estava estagnada por causa da queda no preço do açúcar.

Com a instalação de fazendas nas ribeiras dos rios, principal reduto dos índios, veio a revolta dos mesmos, que viam suas terras serem tomadas e eram delas que tiravam seu sustento. Os fazendeiros iniciaram um verdadeiro masacre aos índios, seguido mais tarde pelos bandeirantes e paulistas.(7) Os colonos recorrem à captura dos indígenas, forçados às tarefas da agricultura, serviço que nas tabas,

pertencia às mulheres como impróprio para guerreiros, havendo reação por parte dos indígenas, com exceção dos Tupis, que encaravam o trabalho da terra como uma tarefa masculina.(8) Os índios reagiram e mataram a gaderia.(9)

O gado foi o fixador e a execução do serviço de campo contribuiu para alargar as áreas geográficas, como por exemplo: a procura de reses tresmalhadas, de água ou pastos dourados que proporcionaram aos vaqueiros a descoberta de paisagens novas, serras próprias para morar.(10)

As secas rigorosas pioravam a situação, dificultando a região do Açu, que levou a Senado da Câmara de Natal a solicitar a 23 de fevereiro de 1687, ajuda do Senado de Olinda e ao Capitão-Mor da Paraíba. Como a ajuda demorou, os índios dominaram as ribeiras do Açu e Apodí. As ribeiras do Ceará-Mirim também foram atingidas. Novo pedido de ajuda foi solicitado ao Governador Geral, através do Senado da Câmara de Natal, este, sendo atendido começou a chegar as tropas comandadas por Antônio Pinto e Agostinho César, o que levou os índios a pedirem ajuda aos colonos para buscarem refúgios nas áreas das missões religiosas.(11)

A pacificação indígena começou com Bernardo Vieira de Melo no seu segundo governo. Em Carta Régia de 18 de novembro de 1697, enviada aos Oficiais da Câmara da Capitania do Rio Grande, El-Rei fez elogios s Bernardo Vieira de Melo, por ter reduzido todo gentio a uma paz universal, quando da povoação dos sertões consegue à capitania.(12) Contudo, a Coroa portuguesa continuou a mandar

recursos para o extermínio dos índios. Com a seca de 1692, os indígenas voltaram a saquear as instalações das fazendeiros, havendo desavenças entre os janduís e os paiacu. O mestre de campo aproveitou a situação (13) e tomou-lhes as terras, o que para Bernardo Vieira, essa atitude do mestre-campo foi um obstáculo à sua política de participação.(14)

O desenvolvimento na atividade pastoril fora anteriormente retardado por diversas causas, sendo as principais a insubmissão dos índios e a inferioridade dos colonos. Foi após o restabelecimento da paz, que anos depois, deu lugar a reação com o quase extermínio dos indígenas, que imigrantes vindos do reino ou das ilhas em busca de riquezas, entre eles oficiais, empregados, negociantes e sobretudo criadores de gado, seduzidos pelas excelentes pastagens existentes na capitania, formavam a nova sociedade e aumentavam a população, que se vinha fixando nos vales dos rios do agreste, iniciando-se assim o povoamento dos sertões.(15)

Com relação ao viver no Rio Grande do Norte, as casas eram em geral, de taipa e as dos pobres, cobertas, não raro de capim ou folhas de palmeiras. A não ser nos povoados, vivia-se em isolamento; nos sertões, o contato do fazendeiro era com os vaqueiros e agregados; nos engenhos, com os lavradores, os moradores e os escravos. Depois os fazendeiros e senhores de engenho começaram a permanecer nas cidades e vilas, principalmente por ocasião de festividades religiosas. Nos sertões a falta por excelência era a vaquejada.(16)



O rio-grandense era o tipo a aperfeiçoar-se no corre dos tempos em seu habitat natural e sob a influência de vários pastos. O que era certo é que tinha idéias, aspirações e tendências próprias que fariam do Brasil uma pátria livre.(17)

A pastorícia sertaneja deu-nos psicologicamente outro negro, que nos alpendres contava as estórias das vaquejadas; o negro tocados de viola, sapateador de samba.(18) Quase todas as sedes municipais, no interior do Rio Grande do Norte, foram antigas fazendas de gado.(19)

**NOTAS**

1-Tavares de Lira.História do Rio Grande do Norte.p.154

2-Tarcísio Medeiros.Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte.p.50

3-Id ibid.p51

4-Luis da Câmara Cascudo.História do Rio Grande do Norte.p.108

5-Tavares de Lira.op.cit.p.154

6-Id.ibid.p.155

7-Tarcísio Medeiros.op.cit.p.54

8-Id.ibid.p.55

9-Id.ibid.p.57

10-Id.ibid.p.58

11-Id.ibid.p.59

12-C.Cascudo.op.cit.p.108

13-Id.ibid.p.110

14-Id.ibid.p.111

15-C. Cascudo.op.cit.p.51

16-C.Cascudo. História da Cidade do Natal.p.94

17-Id.ibid.p.96

18-Paiva Neto. Guerra dos indígenas do Açú: do avanço da frente pastoril ao repovoamento dos sertões do Rio Grande do Norte.p.30

19-Fundação José Augusto. Cerro Corá.p.13

20-Id.ibid.p.14

21-Paiva Neto.op.cit.p.30

22-Id.ibid.p.31

23-C. Cascudo. História do Rio Grande do Norte.p.51

24-Id.ibid.p.52

25.Paiva Neto.op.cit.p.32

26-Tavares de Lira.op.cit.p.122

27-Paiva Neto.op.cit.p.33

28.Tavares de Lira.op.cit.p.123

29-Id.ibid.p.158

30-Id.ibid.p.159

31-Id.ibid.p.164

32-C.Cascudo.História da Cidade do Natal.p.96

### III - MISCIGENAÇÃO

#### 3.1.- Os elementos étnicos presentes na formação do povo norte-rio-grandense

A raça brasileira é oriunda de brancos, indígenas e negros, com os tipos intermediários de mamelucos, brancos-indígenas, caboclos ou curibocas, negros-indígenas e mulatos. A participação do elemento branco foi sempre em menor percentagem, sendo em sua maioria portugueses. Quase sempre vinda de Pernambuco, seguindo para o interior.(1)

O indígena estava em toda parte, desde o litoral ao sertão, os que habitavam o litoral eram os índios potiguares da nação Tupi, foram os primeiros a contribuir para a formação do povo norte-rio-grandense; os Tapuias e Cariús ficavam no interior e eram inimigos dos potiguares, mas também deram sua contribuição.(2) Os Cariús possuíam tipo variado, cor e formação, homens mais altos que os potiguares que eram fortes, impulsivos, viviam da pequena agricultura e da cerâmica rudimentar.(3) O indígena que ficou em Natal era servo, sem direitos e fôra fixador nas povoações de Igapó e Vale do Ceará-Mirim, especialmente Extremoz e Veados.(4)

Sabe-se que houve resistência da etnia indígena, por que os índios desejavam multiplicar a sua raça, assegurando a posse de suas terras invadidas. Por outro lado, a Coroa proibiu a união consangüínea de sua gente com outras raças.(5)

O resultado étnico foi desfavorável.(6) O indígena sofreu guerra de extermínio. Os restos das tribos foram preservadas, mas isso não impediu a miscigenação com o negro.(7)

Vencidos e expulsos das zonas de conforto habituais, desorganizados, os indígenas foram atirados nas aldeias onde o padre os defendia mas não evitava o contato sexual com negras e negros. Os caboclos foram em geral mais altos e fortes, mais ágeis, vivos e curiosos que os pais. Já o filho da cabocla com o branco deu um tipo mais claro, de melhor estatura, andar elegante, corpo elástico, robusto, seco e de carne resistente. inúmeras famílias-tronco do Seridó e oeste norte-rio-grandense, tiveram avó indígena preferida pelo fazendeiro, mãe do filho favorito, vaqueiro exímio, multiplicador de fazendas. O mestiço do branco com o índio, deu mais porcentagem de vaqueiro. O do indígena com o negro ficou pequeno plantador de roçaria.(8)

A participação do negro na formação do povo norte-rio-grandense aconteceu no governo de João Rodrigues Colaço, que comprou escravos da Guiné para roçar e trabalhar em outras benfeitorias no Rio Grande. As atividades se resumiram na criação de gado, roçarias de mandioca, milho e feijão, sendo por isso desnecessária a implantação de escravos em grande escala.

O negro foi uma constante, porém não foi uma determinante econômica. Havia uma identidade social pela uniformidade das tarefas. Os escravos mandados

para o sertão transformaram-se em vaqueiros, padrinhos de ioiôs e derrubadores de touros. As tarefas eram iguais tanto para os escravos quanto para os seus amos. Os negros fixavam-se nos canaviais, porque no sertão o trabalho era mais de pastorícia. Só no século XIX é que podemos encontrar notas sobre a massa escrava.(9)

O holandês teve sua influência étnica, embora de escassa importância. Daí, a explicação dos olhos azuis e cabelos loiros que surgiram no sertão.(10) “Dentro de pouco mais de um século, havia na colônia uma população perfeitamente discriminada das três raças e distinta pelo seu caráter, pelo seu espírito de independência, pela sua grandeza de ânimo, pelo seu devotamento à terra, pela amplitude dos horizontes morais, pelas idéias, tendências e aspirações, pelo sentimento religioso, pela concepção do direito e pela própria língua...”(11)

Os franceses antecederam os portugueses em quase um século. Por essa razão a miscigenação começou com eles. É de Rocha Pombo a informação de que no início da ocupação portuguesa -1598/1600, a capitania tinha dezesseis aldeias afastadas e onze mil e duzentas pessoas. Com a expulsão dos franceses os portugueses passaram a contribuir para a miscigenação.(12)

*Esses parágrafos  
estão um tanto  
deslocados.*

Nossa raça é superior pelo poder de assimilação dos componentes culturais e sociais, além dos componentes biológicos, afirmando-se no plano social, por seus atributos psíquicos que embora sejam resultantes de influências dos vários

elementos étnicos é, sem sombra de dúvidas, prova de ajustamento às exigências do mundo tropical.(13)

### 3.2 - O cruzamento das raças presentes na época do povoamento

O negro veio à capitania como escravo. Ele foi o construtor material do progresso de 1598 a 1888. Através de pesquisa feita aos assentamentos de batizados, casamentos e óbitos da freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Rio Grande, no período de 1726 a 1760, constatou-se que haviam escravos pretos, indígenas e mestiços. Os pretos dividiam-se em dois grupos: os que vieram da África e os nascidos no Brasil, os crioulos. Os indígenas, ou gentis da terra, eram tapuias de diversos procedimentos, escravizados durante a Guerra dos Bárbaros que durou quatro décadas.(14)

Quanto ao cruzamento entre as três raças, que entraram na nossa formação histórica, o contingente de menor expressão foi o indígena, sobretudo na zona agrícola, na qual se deram melhor os negros e os mulatos. No serão, o coeficiente dos índios e mamelucos foi superior, uma vez que os pretos eram mui desmazelados, para que fossem bons pastores.(15)

Do cruzamento do branco com a negra surgiu o mulato. Quando esse cruzava com a negra obtinha-se a denominação de cabra. Quando o cruzamento era entre o negro e a índia, nascia o cafuzo. Quando a mistura era muito complexa,

sendo difícil identificá-la, o indivíduo era classificado como pardo. Para cá vieram os negros: da Angola, de Arda, da Costa da Mina, de Benguela e de Cachéu. Os escravos tapuias eram: putigí, caboré, pinicuaçú, janduim, paiacu, capela, todos com o mesmo idioma.

Existe uma hipótese, de que os descendentes do cruzamento do preto com o tapuia seriam portadores de maior vigor físico, superior às duas raças que lhes deram origem. Quanto à duração de vida dos escravos, há indícios de que a longevidade chegava aos 42 anos. Contribuíram para isso: o trabalho forçado, a habitação precária, a alimentação deficiente, as más condições de higiene, as doenças epidêmicas, os traumas físicos e emocionais.(16)

Os grandes rebanhos do sertão eram confinados a brancos afoitos ao clima, ou a homem de sangue misturado, que descendiam de europeus com indígenas.(17)



## NOTAS

1-Luís da Câmara Cascudo. História do Rio Grande do Norte.p.37

2-Pedro Moura. Fatos da História do Rio Grande. p. 147

3-C.Cascudo. op.cit.38

4-C.Cascudo.História da Cidade do Natal.p.95

5-P.Moura. op.cit.p.48

6-C.Cascudo.História do Rio Grande do Norte.p.43

7-C.Cascudo.História da Cidade do Natal.p.95

8-C.Cascudo.História do Rio Grande do Norte.p.43

9-Id.ibid. p.44

10-Id.ibid.p.48

11-P.Moura. op.cit.p.149

12-Id.ibid.p.151

13-Id.ibid.p.152

14-Olavo Medeiros.Terra Natalense.p.179

15-Tavares de Lira.História do Rio Grande do Norte.p.156

16-Olavo Medeiros. op. cit. p. 179

17-Tavaresde.Lira.op.cit.181

## CONCLUSÃO

O processo de povoamento do Rio Grande do Norte ocorreu em meio a alguns acontecimentos históricos que o propiciaram.

A divisão do Brasil em Capitânicas Hereditárias possibilitou o início do povoamento. Os colonos precisavam usar a mão de obra indígena, que se negava a servi-los. Houve uma tentativa de escravização, tendo o índio se rebelado e começado uma guerra pela sua sobrevivência física e cultural. Daí, houve uma grande destruição partido do indígena, porém, com a cobertura e ajuda do holandês. Após a expulsão do holandês da capitania, o índio se sentindo só fugiu para cima das serras e para outras capitânicas, a procura de refúgio.

Para reiniciar o povoamento após tanta devastação, provocada pela guerra dos bárbaros, El-Rei baixou uma medida para a distribuição das terras que se encontravam desocupadas.

Dois fatores contribuíram decisivamente para o povoamento: o primeiro foi a paz com os índios, conseguida no governo de Bernardo Vieira de Melo e o segundo foi o desenvolvimento da atividade pastoril. Tais fatos aconteceram já no século XVIII quando houve da fato o povoamento da capitania. Surgiram, então, os primeiros aglomerados, em seguida as primeiras Vilas que mais tarde dariam lugar às cidades.

É importante frizar a contribuição dos elementos branco, negro e indígena, as três raças que, segundo os historiadores pesquisados, foram responsáveis pela mistura existente na formação do povo potiguar.

Finalizando, é importante enfatizar a contribuição que as investigações proporcionaram em termos de ampliação dos conhecimentos acadêmicos, sem contudo deixar de frisar as limitações impostas pelas dificuldades de acesso às fontes e pelo pouco tempo, já que o assunto estimula um aprofundamento cada vez maior.

Estudos futuros poderão vir a complementar as idéias apresentadas neste trabalho.

## FONTE BIBLIOGRÁFICA

-LIVRO 2º do registro de sesmarias da Capitania do Rio Grande (1674-1680). Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Caixa n.65.

-LIVRO 2º de registro de cartas e provisões do Senado da Câmara do Natal (1673-1690). Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Caixa n.65.

ANDRADE, Manoel Correia de. A terra e o homem no nordeste. São Paulo: Brasiliense, 1973. p.143-159.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade do Natal. Rio de Janeiro Civilização

Brasileira, 1980. p. 95-96

CASCUDO, Luís da Câmara. História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura, 1955, p.20-120.

LEMOS, Vicente de. Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1912. v.1, p. 5-79

LIRA, A. Tavares de. História do Rio Grande do Norte. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982. P.27 - 156.

LOPES, Fátima Martins. As missões religiosas no processo de aculturação do índige na da capitania do Rio Grande. Natal: 1992. Monografia(Graduação em História).UFRN.

MARIZ, Marlene da Silva. Rio Grande do Norte Colonial: 1598/1633. Caderno de História - UFRN, Natal, v.1, n.1, p.20-21, jul/dez. 1994.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. Terra Natalense. Natal: Fundação José Augusto, 1991. cap. 15, p.179-181.

MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Universitária, 1973. p.28-62.

MOURA, Pedro. Fatos da História do Rio Grande. Natal: Companhia Editora do Rio Grande do Norte, 1986. p. 147-153.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. “ Guerra Indígena do Açú<sup>cc</sup> do avanço da frente pastoril ao repovoamento do sertão do Rio Grande do Norte ( 1687-1720) ”  
Caderno de História - UFRN, Natal, v.1. n.1, p.29-35, jul/dez, 1994.

POMBO, José Francisco da Rocha. **História do Estado do Rio Grande do Norte.**

Rio de Janeiro: Ed. Anuário do Brasil. 1922 p. 89-183.

SOUZA, Francisco Fausto de. **História de Mossoró.** João Pessoa: UFPB/Ed.

Universitária, 1979. p. 9-14.